



Ecos do Centenário da Imprensa de Campinas transcorrido em abril

Diário do Povo 12-6-58

O dr. Mário L. Erbolato, redator responsável do "Diário do Povo" recebeu a seguinte carta:

"Recebi há dias, graças à gentileza do meu tio Alfredo Azevedo Marques, o número de 13-4-58, do "Diário do Povo", comemorativo do 1.º centenário da Imprensa campineira.

Será supérfluo dizer que apreciei imensamente as colaborações todas nele reunidas, chegando mesmo, algumas vezes, a suspender a leitura para rememorar fatos da minha infância e da minha juventude, passados nessa terra inesquecível, da qual eu guardo saudades imortais. Nunca - viva eu cem anos - poderei esquecer-me das férias escolares de junho e dezembro, durante as quais seu voltava aos lares queridos dos meus tios e nos quais me reunia aos primos que foram, até hoje, os maiores companheiros que já tive.

E vieram-me, então, ao pensamento, o bate bola no largo do mercado, as matinees intermináveis do Coliseu, os pique-niques do Bosque dos Jequitibás, os sorvetes dos Irmãos Modesto, da Rua Marão, as idas à Escola Dominical aos domingos, enfim, uma série infindável de reminiscências que conseguiram o milagre de fazer-me menino novamente, numa deliciosa metamorfose praticamente impossível.

Meus tios, em casa de quem eu passava essas férias maravilhosas residiam a Rua Benjamin Constant nas imediações do largo do mercado, sendo uma das casas, quase à esquina da rua Saldanha Marinho.

Todos os dias, não me lembro em que hora, ali pela esquina da rua Visconde do Rio Branco com Benjamin Constant, onde outrora havia uma açougue que tinha na parede da rua, um boi pintado, passava um velhote meio embriagado, apregoando os nomes das revistas e dos jornais da época. Eram o Diário do Po-

vo, A Gazeta de Campinas, o Tico-Tico, a Cigarra e... sim, aí vinha um nome que aos meus ouvidos de moleque, soava assim: O MANE'CO PEITUDO. Nunca, naquele tempo, pedi explicações aos mais velhos sobre o que aquilo significava, naturalmente porque deixava a coisa assim como era, sem maiores preocupações. Só muito tempo depois, quando comecei de fato a entender melhor o que me rodeava no mundo, é que descobri que o nome da revista apregoada, era O ALMANAQUE EU SEI TUDO, essa apreciadíssima publicação que um dos meus tios colecionava com tanto carinho. Esse jornaleiro que assim ficou gravado em minha memória andava meio às tontas pelas ruas, caçando frangos pelas calçadas e de que quando em quando caía, espalhando jornais e revistas. Daí, o apelido que lhe demos e que toda Campinas conhecia: "Cai, cai, não levanta mais".

Perdoe-me, sr. Dr. Mario Erbolato, essa "conversa mole" que, talvez, roubou-lhe precioso tempo.

Mas como campineiro que me orgulho de ser e que, apesar dos anos de separação jamais se esqueceu da sua terra de origem, eu quiz dar também, esta pequenina contribuição para o 1.º Centenário da Imprensa de Campinas. Sim, porque não fossem os jornaleiros que percorrem as ruas das cidades, apregoando aos quatro ventos, as folhas que nos trazem as boas e as más notícias talvez muita gente não se comprasse, nas correrias da vida cotidiana.

Aqui fico, pois, muitíssimo grato pela atenção dispensada à minha carta certo de que não o fiz em grau muito alto, perder o seu tempo.

Atenciosamente,
LAURO DE ARAUJO GRELLET
Cx 374 - Santos".